

“E’ UM TRABALHO ADMIRAVEL”: EUCLIDES DA CUNHA NA IMPRENSA CARIOCA NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

SANTANA, Artur Vitor de Araújo¹

RESUMO: Este texto tem como objetivo analisar a recepção da obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, nos jornais cariocas, assim como estudar a ascensão do escritor ao panteão dos grandes autores nacionais. Para isso, foram analisados periódicos de grande circulação na época, a exemplo do *Correio da Manhã* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Jornal do Comércio* (RJ). A partir desses impressos foi possível observar o diálogo de Cunha com a produção literária contemporânea aos seus escritos, sua atuação como correspondente de guerra para o jornal *O Estado de S. Paulo* e as críticas que mencionam o autor nos principais periódicos da capital da República, nos primeiros anos do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: História; Literatura; Euclides da Cunha; Imprensa.

“IT IS AN ADMIRABLE WORK”: EUCLIDES DA CUNHA IN THE RIO DE JANEIRO PRESS IN THE EARLY YEARS OF THE 20TH CENTURY

ABSTRACT: This text aims to analyze the reception of the work *Os Sertões* (1902) by Euclides da Cunha in Rio de Janeiro newspapers, as well as to examine the writer's ascent to the pantheon of great national authors. To this end, the study analyzed periodicals with wide circulation at the time, such as *Correio da Manhã* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), and *Jornal do Comércio* (RJ). These publications made it possible to observe Cunha's engagement with the literary

¹ Professor Assistente B em História do Brasil (UEFS) e docente permanente do PPGH/UEFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa em História, Literatura e Sertão (GPHILS-UEFS). Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP). E-mail: avasantana@uefs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7267-8169>.

output of his era, his work as a war correspondent for *O Estado de S. Paulo*, and the critical commentary regarding the author in the leading newspapers of the Republic's capital during the early 20th century.

KEYWORDS: History; Literature; Euclides da Cunha; Press.

Novas leituras, outros intelectuais: Literatura Brasileira no começo do XX

Com a desfeitura da filosofia romântica, uma nova sociedade brasileira começa a se organizar nos últimos anos do século XIX. A abolição da escravidão, a proclamação da República, e suas tentativas de consolidar o novo modelo de Estado, instituíram novas formas de sociabilidades, de atuação dos sujeitos no espaço público e privado, ainda muito influenciado pelos modelos franceses, especificamente as novas tendências cosmopolitas importadas diretamente de Paris. Os brasileiros não são os mesmos, a literatura também não.

A alteração na forma como a sociedade brasileira se organiza afetou diretamente a produção literária, que destituiu o que Sevcenko (1983) chamou de “unidade romântica” (SEVCENKO, 1983, p. 97), com suas ilusões e sentimentos, mas principalmente sua coesão na estrutura narrativa de um projeto literário nacional. Com as novas sociabilidades, novos ritmos de vida são estabelecidos. As mulheres das classes médias e altas começam a ganhar as ruas, trabalham fora de casa, negam manter sua função apenas de reprodução e manutenção da família nuclear. O próprio hábito da leitura se modifica. As pessoas, agora com acesso à fotografia e ao cinema, adotam formas outras de ler os livros e jornais, o que repercute nos anseios cobrados à literatura pela sua comunidade leitora.

Diante do amplo acesso à imprensa, Sevcenko (1983, p. 98) afirma que houve “um rigoroso processo de seleção e exclusão” no que era lido, aumentando o consumo de jornais, devido ao barateamento do material e ao aprimoramento das técnicas de produção (CHARTIER, 1998). Segundo o historiador, a difusão do impresso contribuiu para a formação da “opinião pública”, devido à ampliação do acesso ao periódico pelos grupos sociais letrados. Diante de tal cenário, tornaram-se ainda mais comuns os escritores que publicavam nos periódicos de grande circulação ganharem renome e sucesso, principalmente por se adequarem às demandas do mercado editorial, escrevendo textos a partir da concepção do materialismo e do individualismo.

A influência do positivismo ortodoxo no pensamento intelectual brasileiro também marca a forma de se escrever literatura no início do século XX, a exemplo do próprio Euclides da Cunha. O escritor é lido por Bosi (2013) como “pré-modernista”, por já possuir uma preocupação com as questões relativas à realidade social e cultural do país, mesmo anterior à Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, que é vista como o marco oficial do modernismo no Brasil (BOSI, 2013). Atualmente, ganha espaço um conjunto de estudos que problematizam a noção de modernismo, por compreender que o movimento não se restringiu apenas a São Paulo (SANTANA, 2024), assim como a própria definição de “pré-modernista”, como se o sujeito antecipasse elementos de um movimento posterior aos seus escritos.

O intelectual, diante do cenário apresentado, almejava modificar a organização social e política do Brasil, tendo como objetivo retratar uma face da nação que represente o seu povo, sem romantizar suas dificuldades, carências e miséria, constituindo-se como um mecanismo para repensar o próprio Estado, diante da falta de atendimento da população interiorana por parte das políticas públicas. Outras questões como a miscigenação, o animismo e a constituição do homem moderno também entram em cena, principalmente devido ao diálogo dos estudiosos do período com as ciências naturais.

A preocupação com o papel social da literatura aproxima os escritores dos métodos e epistemologias científicas, na busca de inserir o campo das letras no panteão das ciências humanas, mas também embasada nas ciências naturais, diante da demanda em construir uma nova leitura das ex-colônias do continente americano. As influências naturalistas no fazer intelectual brasileiro são marcadas pela busca da explicação do homem em seus mais variados tipos, grandemente influenciado pelos estudos de Darwin, assim como a criação de novas concepções higienistas nas cidades, diante dos avanços nos estudos da microbiologia e da crítica à teoria dos miasmas, presente na segunda metade do século XIX (ENGEL, 2005).

O estudo aprofundado da condição humana e a sua influência do meio em que vive é um dos temas transversais à escrita do trabalho de Euclides da Cunha. Podemos observar essas características na própria estruturação do seu livro, *Os Sertões* (1902), a exemplo da relação inerente do sertanejo com a terra. A paisagem é o principal elemento delimitador da identidade nacional, sendo o fator que os define como brasileiros. Os tipos humanos e naturais do país surgem como uma preocupação de emergir uma cultura literária genuinamente brasileira.

Criador e Criatura: Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha

“E o sertão é um paraíso...” (CUNHA, 1973, v. I, p. 71), escreveu Euclides da Cunha ao se deparar com a paisagem da caatinga², no interior da Bahia, enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, enquanto correspondente de guerra. Antes mesmo de escrever e publicar a sua obra maior, *Os sertões*, o engenheiro já tratava de questões ligadas ao sertão e ao sertanejo.

Diante do assombro, causado pela derrota da expedição militar comandada por Moreira César, frente aos habitantes do arraial de Canudos, em 14 de março de 1897, Cunha publicou um artigo para periódico paulista, intitulado *A nossa Vendéia*, no qual associava a contestação dos conselheristas aos camponeses contrarrevolucionários franceses da região Vendéia, ao tempo em que buscava explicar o revés militar a partir de elementos ligados ao meio físico e natural da região onde se travava o combate. Em 17 de julho de 1897, e com o mesmo título do artigo anterior, retoma ao assunto, reforçando os argumentos sobre o papel jogado pela natureza na luta entre os seguidores de Antonio Conselheiro e os exércitos republicanos.

Euclides da Cunha, inicialmente, escreve sobre Canudos e os sertões de longe, sem nunca ter estado na região do conflito. Apesar disso, já nestes artigos prefigura-se a orientação determinista que seria adotada na sua obra maior, *Os sertões*. De qualquer modo, em razão dos textos publicados o engenheiro militar foi convidado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para desempenhar o papel de correspondente de guerra.

Chegou a Salvador em 7 agosto de 1897, a bordo do Espírito Santo, onde Euclides da Cunha desembarca às 7h da manhã. No porto, ele encontrou uma comitiva que estava a sua espera e o levou ao encontro do governador (FILHO, 2003). Permaneceu na capital da província até 23 de agosto do mesmo ano, daí partindo para o sertão de Canudos. Viajando de trem, chegou a Alagoinhas no último dia do referido mês, continuando a viagem pelas veredas da malha ferroviária até Queimadas, onde desembarca em 1º de setembro.

Seguindo a cavalo rumo a Canudos, o correspondente do periódico *O Estado de São Paulo* se depara com alguns povoados, mas não delonga sua estadia, como Tanquinho (4 de setembro), Cansação (5 de setembro) e Quirinquinquá (5 de setembro). Em 7 de setembro, Euclides da Cunha chega a Monte Santo e posteriormente no arraial de Canudos (16 de

² Caatinga é um bioma caracteristicamente brasileiro, que predomina, principalmente, no interior do Nordeste.

setembro), onde permaneceu até o dia 3 de outubro. Neste intervalo de tempo, além de diversos telegramas, Euclides da Cunha enviou para o jornal uma série de textos com registros e impressões da viagem (paisagem, conflito, tipos humanos etc.), que posteriormente seria configurado como o *Diário de uma expedição* (CUNHA, 2003).

A comunidade de Canudos resistiu até dia 5 de setembro de 1897, quando finalmente padeceu em confronto com a quarta expedição militar, que dizimou completamente o lugarejo. Euclides da Cunha não assistiu a derrota final dos sertanejos, que inicialmente eram vistos pelo correspondente como revoltosos, mas ao se deparar com os sujeitos em conflito, se sensibiliza com aqueles indivíduos que, igualmente a ele, merecem ser chamados de brasileiros.

Diferente dos artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, que eram produzidos no “calor da hora” (GALVÃO, 2019), *Os Sertões* foi resultado do amadurecimento das experiências vividas por Euclides da Cunha no período que esteve na Bahia. O ensaio passou cerca de três anos sendo escrito e revisado. Segundo Soares Neto (2010), no processo de feitura do livro analisado, “foram 37 correções, 12 acréscimos e 25 supressões, perfazendo 44 mil emendas com caneta e canivete de ponta” (SOARES NETO, 2010, p. 54) para ser considerado concluído por seu autor.

O texto foi gestado em um pouco mais de três anos, tomando como balizas temporais o fim da guerra, em 1897, e a data de envio da versão final de Euclides da Cunha para Júlio Mesquita, diretor do periódico paulista que havia publicado as reportagens da guerra, no início de 1901³. No final do mesmo ano, o engenheiro consegue fechar contrato com a *Livraria Laemmert*, publicando o livro *Os Sertões: Campanha de Canudos*, em 02 de dezembro de 1902⁴.

A primeira edição do livro, composto por 610 páginas, já possuía a divisão tripartite, que permanece até hoje, em “A terra”, “O homem” e “A luta”. Na primeira parte do livro, Cunha

³ Segundo Soares Neto (2010), a versão final do livro foi enviada para o diretor do jornal com a intenção do redator publicar o manuscrito. Após seis meses sem resposta, Cunha descobre que Mesquita nunca havia lido seus escritos, o que o fez procurar por uma editora que publicasse sua obra, se deslocando até o Rio de Janeiro nessa empreitada.

⁴ A edição que utilizo como referência é a versão da Editora Três, de 1973, que apresenta a obra dividida em dois volumes. O primeiro tomo, consiste nas duas primeiras partes do livro (“A terra” e “O homem”), totalizando 219 páginas. Já o segundo tomo, consta a terceira parte dos escritos (“A luta”), possuindo 377 páginas, totalizando 596 páginas, com textos de acréscimos no prefácio e no posfácio. Os dois livros ocupam os números 10 e 11 da coleção “Obras Imortais da nossa Literatura”, preocupada em reunir e publicar as principais produções literárias brasileiras.



analisa o espaço sertanejo, tendo uma forte influência de sua formação de engenheiro, que exigia um estudo das ciências físicas e naturais, observando cientificamente a paisagem que adentrou, principalmente sob a ótica da geologia, da geografia e da biologia. Apesar de considerar a vegetação e o relevo do sertão baiano rude, que remete para uma imagem cristalizada de sertão, associada ao seco, ao despovoado e ao ignoto, o correspondente do jornal fica encantado com a fauna e flora sertaneja, diante da ausência de estudos sobre ela, sendo mais um desejo científico de desbravar e anexar à ciência tudo que experiencia, do que uma relação de identificação com o espaço.

Com a expressão “viajante-naturalista”, atribuída a Euclides da Cunha, Fernando Nicolazzi (2009, p. 69) defende o caráter de narrador-observador, que o engenheiro desenvolve durante o livro *Os Sertões*. A dupla atividade, que consiste em “ver” (observador) e “relatar” (narrador) a paisagem, exige que o escritor exceda a simples descrição de uma primeira imagem, como havia feito no artigo *A nossa Vendéia*. O contato com a região, anteriormente apenas imaginada, torna o relato de Canudos uma representação do espaço-sertão muito próprio do autor, que dialoga com outras narrativas sobre o espaço-sertão. Euclides da Cunha, inicialmente, possui um olhar condicionado pelas predisposições de suas leituras, principalmente os relatos de viagem produzidos por Spix, Martius e S. Hilaire. Mas, a imagem preestabelecida sofre alterações no decorrer da escrita, que caracteriza uma narrativa em trânsito, também presente nas imagens euclidianas de sertão e sertanejo.

Na segunda parte do livro, Cunha faz um estudo sobre os tipos de sertanejos, ou “sub-raças” como utiliza o escritor. As observações presentes no texto são atravessadas pela leitura antropológica e sociológica dos sujeitos, devido à influência das ideias positivistas, evolucionistas e republicanas da Escola Militar da Praia Vermelha, onde estudou. Entre os autores que mais influenciaram o autor, destaco Augusto Comte, Herbert Spencer e Nina Rodrigues, que era amigo de Euclides da Cunha. Os estudos do último intelectual basearam várias análises do escritor de *Os sertões*, principalmente sobre o negro e suas características físicas e psicológicas, período em que os estudos sobre a craniologia e a frenologia estavam a todo vapor na Faculdade de Medicina da Bahia (SILVA, 2011).

Na última parte da obra, o autor se atenta a narrar a guerra. “A luta” é o ponto de culminância do ensaio, que é idealizado na trindade terra, homem e resistência, sendo as três características, na compreensão euclidiana, indissociáveis. O homem telúrico pensaria e agiria

em consonância com a terra, que diante do conflito com o exército brasileiro, contaria como uma enorme vantagem para os habitantes de Canudos, sendo o principal motivo por terem resistido tanto tempo às investidas do Estado.

Na referida parte, são apresentadas estratégias de guerra, levantamento do número de mortos, a condição dos soldados em batalha, dos canudenses capturados em guerra. Mas o que chama mais atenção é o lugar de destaque que Cunha passa a atribuir ao vaqueiro. Sendo pensado desde o tomo “O homem”, o vaqueano emerge como um símbolo das terras interioranas, como o desbravador das longínquas terras, adjetivado de “nossos admiráveis patrícios dos sertões” (CUNHA, v. II, 1973, p. 160). Tal vislumbre pode ser atribuído a leitura do homem encourado como “aliado” da República, por ser responsável de conduzir o gado, que seria utilizado como alimentação dos batalhões, além de atuarem como guias dentro da caatinga.

Apropriações e leituras de Euclides da Cunha nos jornais cariocas

Em 1902, com a publicação de *Os Sertões*, um novo “pintor” da paisagem nacional ganha espaço nas letras: Euclides da Cunha. O engenheiro, que atuou como correspondente de guerra para o Jornal *O Estado de S. Paulo* torna-se quase instantaneamente um dos maiores escritores brasileiros, diante do grande sucesso logo após a publicação de seu primeiro livro. No *Jornal do Brasil*, em 27 de janeiro de 1903, foi publicado um artigo na primeira folha do periódico, apresentando uma crítica ao ensaio recentemente publicado. No texto, o redator afirma que o autor “procura explicar a acção do homem no nosso meio physico baseando-se na idéa suggerida por alguns naturalistas, de admitir que a aptidão do homem, para apropriar-se do que convém ás suas aptidões e necessidades” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 27, p. 1, em 27/01/1903).

A influência naturalista em Cunha o faz ler a paisagem do interior da Bahia como um espaço formador de seus sujeitos. O “meio physico” formataria o homem a sua imagem e semelhança, se adaptando a partir das suas necessidades humanas, sendo uma leitura muito característica de um discurso científico e racializado de meados do século XX. Os sujeitos adjetivados como adaptáveis possuem esse atributo como resultado da mestiçagem racial, pois, segundo o articulista da matéria, a qualidade moral “não está desenvolvida de igual modo entre

todas as raças” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 27, p. 1, em 27/01/1903). É certo que a citação não é feita diretamente por Euclides da Cunha, mas é o posicionamento do periódico a partir da análise crítica da obra que merece atenção.

A paisagem euclidiana também ganha espaço no texto publicado no *Jornal O Paiz*, em 29 de novembro de 1902, afirmando na primeira página do diário que a leitura do ensaio faz “passar diante dos nossos olhos as paisagens e costumes sertanejos, num fulgurante descortino social, ethico e ethnico” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 6626, p. 1, em 29/11/1902). Com a utilização do pronome possessivo “nossos” o redator faz uma aproximação com o seu leitor, criando uma noção de consenso sobre aquilo que escreve, atribuindo uma veracidade à narrativa de Cunha, que é capaz de “pintar” imagens tão reais, que são possíveis de serem vivenciadas por seus leitores, que além do caráter literário da obra, tem uma preocupação social e política por parte do autor.

Ainda sobre a descrição inquietante de Euclides da Cunha e sua capacidade de se conectar diretamente com as emoções dos seus leitores, o periódico *Correio da Manhã* publica, em 03 de dezembro de 1902, um artigo na primeira página do exemplar nº 538, afirmando que é possível o sujeito-leitor ver e sentir os “aspectos da natureza” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1902), assim como se conectar com o homem-sertanejo, ser tocado “até ao fundo d’alma [...] commovido até às lagrimas, em face da dôr humana, venha ella das condições fataes do mundo physico” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1902), diante de tantas dificuldades que os sujeitos narrados foram expostos. As condições físicas do espaço natural e as agruras que se desenvolvem a partir de um abandono das políticas públicas da região interiorana da Bahia, constroem uma noção de aproximação dos leitores com os “incivilizados” personagens narrados. Em *Os Sertões* é tecida a noção de uma homogeneidade nacional e uma conexão entre as mais variadas gentes a partir do território.

A condição em que se encontra Euclides da Cunha, inserido em um espaço estrangeiro, para si e para os próprios soldados, se torna essencial para uma reflexão da nação que se constrói no período republicano. A luta entre “filhos do mesmo solo” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1902) apenas acentua o desconhecimento da condição de brasileiros, “ethonologicamente indefinidos, sem tradições nacionaes uniformes, vivendo parasitariamente á beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa”

(*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1902). O território é o que unia os “incivilizados” que habitavam o interior do Brasil e os “civilizados” que viviam no litoral.

Quando Euclides da Cunha publica a primeira edição de sua obra prima, causa imediatamente um efeito avassalador na literatura nacional, esgotando todos os seus impressos nas primeiras semanas após o lançamento, como afirma Angela Gutiérrez (2010). O engenheiro teria se tornado famoso da noite para o dia, sendo rapidamente aderido pela comunidade leitora carioca.

O jornal *O Paiz*, na edição nº 6626/1902, datada de 29 de novembro do ano corrente, apresenta uma matéria sobre o lançamento do livro, com três dias de antecedência da divulgação oficial do ensaio. Afirma:

Desde já podemos dar parabens ao publico e aos editores pelo apparecimento desse livro [...] delle conhecemos já alguns profundos e brilhantes capitulos, escriptos com admiravel superioridade de vistas, num estylo tão brilhante e novo quanto poderoso, claro, pittoresco e vernáculo (*O Paiz*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 6626, p. 1, em 29/11/1902).

A partir desses dois trechos, é possível perceber duas coisas fundamentais para compreender o impacto do livro de Cunha: 1) Algumas partes do livro circularam pela imprensa, antes mesmo de sua publicação oficial pela *Livraria Laemmert*, como é perceptível na frase “delle conhecemos já alguns [...] capítulos”; 2) O livro era esperado por parte do público, aparentemente por um perfil mais erudito, pelo menos inicialmente, que já reconhecia o potencial da obra. Isso fica perceptível pelo fato de o redator da matéria parabenizar o livro, na primeira página do jornal, antes mesmo “de vir à luz”, expressão muito utilizada nos periódicos para se referir a lançamentos de livros no XIX e nesse início do XX.

Apesar de os intelectuais reconhecerem o valor dos escritos euclidianos, penso que não esperavam que um trabalho tão rebuscado em questão de escrita, se tornasse um *bestseller*, ao ponto de impactar a compreensão de sertão e sertanejo que até então era posta. A demanda pela compra do livro possibilitou o lançamento da segunda edição do impresso em apenas seis meses do lançamento da obra. Os exemplares, que já haviam sido esgotados, custavam 10\$000 réis, segundo a matéria do *Correio da Manhã*. Foi um feito histórico em questão de vendas (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano III, nº 764, p. 5, em 14/06/1903).

Outro fato importantíssimo para compreensão do “fenômeno” Euclides foi a sua aprovação para Academia Brasileira de Letras, para ocupar a vaga de Valentim Magalhães, para a cadeira patroneada pelo nome de Castro Alves, com a maioria esmagadora dos votos⁵, apenas nove meses após o lançamento de sua primeira obra. No dia 22 de setembro de 1903, a *Gazeta de Notícias*, publicou duas reportagens sobre a eleição de Euclides da Cunha. A primeira delas faz um apanhado geral do autor e uma análise crítica de sua obra, já a segunda é um informe da própria Academia, anunciando o novo membro, como funcionou a eleição, quem foram os votantes e quantos votos teve cada candidato.

No primeiro texto, no nº 265/1903, o redator anuncia o cargo pleiteado por Cunha e seu resultado final, justificando sua vitória em disparada, ao fato da aprovação do público: “Essa obra, apesar de ser um grosso volume, teve a rara fortuna de, em pouco meses, chegar a uma segunda edição”. Ele continua,

E’ um trabalho admiravel. Seu estylo está muito longe das grandes e frias correcções clássicas. Tem vigor, tem colorido, tem movimento, - mas tudo isto é conseguido com uma linguagem, cujo alto mérito é ser absolutamente pessoal, linguagem que não recua diante de numerosas andacias. (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 265, p. 5, em 22/09/1903)

As palavras “admirável”, “vigor” e “movimento” apresentam uma crítica positiva ao livro, que talvez tenha impressionado não apenas pelo seu conteúdo, mas pelo próprio formato atribuído pelo escritor. Cunha escolheu escrever *Os Sertões* no formato de ensaio, algo novo no campo das letras para época. O gênero ensaístico se configura, com uma “discussão livre e pessoal de um assunto” (MONTENEGRO, 2010, p. 113), em que o ensaísta teria mais liberdade de tencionar temas específicos e defender um posicionamento sem preocupação em seguir um modelo textual específico.

Compreendo que a escolha do engenheiro pelo ensaio pode ter sido com o objetivo de elaborar um texto que dialogasse com uma escrita científica sem perder a dimensão artística (ADORNO, 2003). Diante da preocupação de construir uma ponte sobre o desfiladeiro, que

⁵ Dos 39 acadêmicos titulares da Academia Brasileira de Letras, 31 estiveram presentes e votaram no sucessor da cadeira de Castro Alves. Entre os votos válidos, Euclides da Cunha conseguiu o apoio de 24 membros, contra apenas 4 votos para Domingos Olympio, o segundo colocado (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 265, p. 5, em 22/09/1903).

separa, de um lado, a racionalidade e objetividade que são exigidas pela ciência, e do outro, a emoção, a sensibilidade e a criação que são exigidas pela arte. Dessa forma, Euclides da Cunha propõe estabelecer um consórcio entre sua formação científica, como engenheiro, e a capacidade inventiva das palavras, exercida como escritor.

Sobre esse assunto, Montenegro (2010, p. 115) afirma que “Euclides da Cunha era um artista, um ficcionista, um criador de tipos, tal qual um romancista”, por exigir uma habilidade inerente a qualquer fazedor de imagens, pintando cotidianos dignos de um célebre desenhista, que em diálogo com uma descrição naturalista realiza “uma absoluta fidelidade à realidade” (MONTENEGRO, 2010, p. 115) em seus escritos.

A atribuição do compromisso do ex-correspondente de guerra com a literatura e a ciência brasileira, mas acima de tudo com a pretensa verdade, o fez ser aceito como membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)*, em novembro de 1903, antes mesmo de completar um ano do lançamento de sua grande obra. A matéria da *Gazeta de Notícias* anuncia que na recente reunião da instituição, “tomou assento o socio correspondente Dr. Euclides Cunha” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 326, p. 4, em 22/11/1903) ao grupo de intelectuais do IHGB.

Preocupado em escrever sobre o perfil de alguns dos escritores e pesquisadores mais influentes do Brasil, Gilberto Freyre (2011) reúne vários textos seus que haviam sido escritos e publica o livro *Perfil de Euclides e outros perfis*, atribuindo uma maior atenção ao autor de *Os Sertões*, como sugere o próprio título. O escritor de *Casa Grande & Senzala* afirma que a produção intelectual de Cunha era “enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica” (FREYRE, 2011, p. 36), o que tornou sua escrita tão peculiar, principalmente, pelo “abrasileiramento da narrativa geológica ou da paisagem sertaneja” (FREYRE, 2011, p. 35).

O posicionamento de Freyre merece destaque, porque ele relaciona a produção da paisagem euclidiana, como o exercício similar realizado por Alencar, na descrição de um sertão brasileiro. O romancista, ao lado do engenheiro, seriam as principais referências no exterior para se pensar o interior do Brasil. Segundo o sociólogo pernambucano, Euclides teria superado a importância alencariana (FREYRE, 2011, p. 84), diante da glorificação “[d]as figuras, as paisagens, os homens, as mulheres, as instituições com que se identificava” (FREYRE, 2011, p. 36) e engrandecia, em nome da narrativa nacional.

O destaque que Euclides da Cunha recebe dos leitores estrangeiros é resultado das imagens construídas pelo engenheiro, que “despertara o mais intenso dos brasileirismos” que toma o “espírito caboclo” como base para a construção nacional. Seria a junção da “formação de engenheiro e a preocupação do sociólogo”, como diria o próprio Freyre (2011). Fica perceptível na leitura dos jornais, a atenção que os leitores de *Os Sertões* atribuem a paisagem e seus sujeitos, principalmente nas críticas literárias, que analisam a perspectiva da escrita euclidiana como positiva para a invenção do estrangeiro sertão baiano.

No já mencionado jornal *O Paiz*, encontramos a divulgação da obra euclidiana, que é tomada como um “livro que todos podem e devem ler pelo que encerra de instructivo e curioso” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 6626, p. 1, em 29/11/1902). O impresso afirma que a obra possui a capacidade de fazer “passar diante dos nossos olhos as paizagens e costumes sertanejos, num fulgurante descortino social, ethico e ethnico” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 6626, p. 1, em 29/11/1902). Essa descrição remonta a capacidade de Euclides da Cunha em narrar o interior da nação, principalmente, porque é tomada como um depoimento verídico, “por quem se informou e viu de perto [...] acompanhando com olhos de philosopho e de artista as scenas que se desenrolaram ha alguns annos nos inhospitos sertões bahianos” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, Ano XIX, nº 6626, p. 1, em 29/11/1902). Ter sido uma testemunha ocular e diante sua formação, autoriza o engenheiro a produzir uma memória social do evento.

Na crítica redigida por Mucio Texeira à obra *Os Sertões*, publicada no *Jornal do Brasil*, afirma que o ex-correspondente de guerra alterou toda a compreensão da literatura brasileira de então, com uma “mentalidade vigorosa, robustecida por estudos positivos e familiarisada com a leitura dos mais conceituados estylistas modernos” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903). Euclides da Cunha teria aberto caminhos ainda não percorridos pelos escritores nacionais, “que obrigará os futuros criticos a perder de vista todos os outros” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903). Neste trecho, o colunista afirma ser necessário o uso de novas ferramentas para possibilitar a análise do contexto literário que Cunha está inserido, antecedendo o Modernismo e toda nova proposta de leitura social do Brasil.

No mesmo texto, Texeira defende que além da dimensão científica e artística, a obra também ganha um importante papel político, diante da defesa dos sertanejos atacados injustamente pelo exército brasileiro, se tornando “uma bandeira desfraldada nos arraiaes da

justiça” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903), hasteada diante da insensibilidade “dos grandes”, que se “mostraram tão máos” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903). A crítica lamenta a situação precária que foram expostas “as mulheres e as crianças” e da “hecatombe” que se constituiu o “incendio do arraial de Canudos” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903).

A obra desperta “uma tempestade de aplausos e protestos, entusiasmos e remorsos, apotheoses e desafios” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903), a partir das narrativas presentes no livro, considerada “formidável epopéia da sua prosa vibrante e luminosa” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903). A crítica de Mucio Teixeira é finalizada afirmando que “o volume d’Os Sertões é uma das melhores obras que se tem escripto em lingua vernacula nestes ultimos trinta annos” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903), principalmente pela sensibilidade do “glorioso escriptor” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano XIII, nº 83, p. 1, em 24/03/1903) e de sua preocupação social com a imagem da nação.

A sensibilidade de Euclides da Cunha também é uma questão levantada na crítica do periódico *Correio da Manhã*, de autoria de José Veríssimo. Um dia após o lançamento oficial do livro, é destacado a capacidade de “ver e descrever” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903) do autor e sua potencialidade em estabelecer “contacto do homem [...] tocando até ao fundo d’alma, commovido até ás lagrimas, em face da dôr humana” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), diante “das condições fataes do mundo physico [...] [e da] maldade dos homens” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903).

Apesar de todas as qualidades que atribui ao livro, como “força, energia, eloquencia, nervo, colorido, elegância” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), Veríssimo acredita que a escrita de Cunha é “sobrecarregado a sua linguagem de termos technicos” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), assim como “de archaismos e sobretudo de neologismos, de expressões absoletas ou raras, abusando frequentemente contra a indole da lingua” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903). O crítico complementa que “o maior defeito do seu estylo e da sua linguagem é a falta do seu estylo e da sua linguagem é a falta de simplicidade” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903). A crítica do jornalista parte de

um estranhamento inicial, já que esse diálogo entre a ciência e a arte, é algo incomum para as produções literárias brasileiras, mas apesar do posicionamento do redator da matéria, o livro foi muito bem recebido por um público menos erudito, como já havia dito anteriormente.

Essa afirmação é reforçada quando ele diz que o “defeito” na escrita de Cunha, é uma característica “de quasi todos os nossos cientistas que fazem literatura” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), sendo praticamente “um vício de raça” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), ao se referir aos homens da ciência. Apesar dessa ressalva, José Veríssimo adjetiva a escrita de Euclides como “vibrante” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), assim como uma descrição da terra “animada e vivida” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), que seria “contada com raro espírito de verdade” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Ano II, nº 538, p. 1, em 03/12/1903), o que remete principalmente ao fato do autor ter sido testemunha ocular do evento, mas também pela forma adotada por Cunha para narrar o livro, que reforça a veridicidade da obra.

O ensaio *Os Sertões* se materializa como livro, mas torna-se um importante manifesto para se adentrar o interior do Brasil, conhecer suas gentes, experienciar outras formas do ser brasileiro que não estivesse restrita ao litoral. A grande “moral”, se assim podemos dizer, da obra euclidiana, é que o exército brasileiro perdeu a guerra contra Canudos por três expedições seguidas, pois lutava em terras estrangeiras dentro do próprio território nacional. O espaço não era agenciado pelo Estado e se ausentava na implementação de políticas públicas que se preocupassem com os sujeitos interioranos, tão destoantes da idealização do homem pátrio. Eles são narrados de forma animalizada, descrição que se altera quando o correspondente de guerra percebe a pobreza e as condições miseráveis as quais os “jagunços” estavam expostos. Não queriam derrubar a República, buscavam apenas sobreviver.

Por fim, pode se perceber que houve uma rápida aceitação da produção literária de Euclides da Cunha nos jornais cariocas logo após a publicação do livro *Os Sertões*, que garantiu uma segunda edição do impresso com cerca de seis meses após o primeiro lançamento. As críticas positivas, presentes nos periódicos, provavelmente influenciaram na decisão da aprovação do escritor na Academia Brasileira de Letras e no IHGB, antes mesmo do aniversário de um ano da publicação do seu ensaio. As duas instituições, que representavam muito prestígio aos seus membros no período, apenas reforçam a recepção positiva que o autor e sua obra

tiveram entre os críticos, intelectuais e leitores, como pode ser observado pela imprensa brasileira da época.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.
- ARMSTRONG, Nancy. A moral burguesa e o paradoxo do individualismo. In: MORETTI, F. *O romance, I: A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.
- COUTINHO, Alfrânio.. *Conceito de Literatura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos: Diário de uma expedição*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- ENGEL, Magali Gouveia. Os intelectuais, o nacional e o popular (Rio de Janeiro, 1890-1910). *História Social*, Campinas – SP, Nº 11, pp. 211-226, 2005.
- FILHO, Francisco Venâncio. “Retrato Humano”. In: E. CUNHA, *Canudos: Diário de uma expedição*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. São Paulo: Global, 2011.
- GUTIÉRREZ, Angela. *Os Sertões e seu efeito germinador na cultura*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- MONTENEGRO, Pedro Paulo. Euclides da Cunha – O Ensaísta. In: LETRAS, Academia Cearense de. *José de Alencar e Euclides da Cunha*. Fortaleza: Expressão Editora, 2010, p. 111-116.
- NICOLAZZI, Fernando. “O narrador e o viajante: Notas sobre a retórica do olhar em Os Sertões”. *História da Historiografia*, nº 2, mar/ 2009 , 2009.
- SANTANA, Artur Vitor de Araújo. *Eurico Alves Boaventura, um intérprete do Brasil (1952-1963)*. Tese [Doutorado] - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2024.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOARES NETO, João. Euclides da Cunha. In: LETRAS, Academia Cearense de. *José de Alencar e Euclides da Cunha*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010, p. 51-60.